

UM OLHAR REMOTO SOBRE A CIDADE: EXPERIÊNCIAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

A REMOTE VIEW OF THE CITY: EXPERIENCES DURING THE COVID-19 PANDEMIC

GOMES, Ramon Fortunato (1)

CARLUCCI, Marcelo (2)

VILELA JR, Adalberto José (3)

(1) UFMS-CPNV, Doutor em arquitetura e urbanismo

e-mail:ramon.fortunato@ufms.br

(2) UFMS-CPNV, Doutor em arquitetura e urbanismo

e-mail:marcelo.carlucci@ufms.br

(3) FAUeD-UFU, Doutor em arquitetura e urbanismo

e-mail: adalberto.vilela@ufu.br

RESUMO

O trabalho relata a experiência no ensino de desenho e representação em arquitetura e urbanismo, a partir da disciplina Perspectivas (1703.000.295-7), ofertada no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Naviraí (MS), durante o período de isolamento em função da pandemia da COVID-19. Teve como ponto de partida o registro do espaço urbano por meio da observação. Um dos desafios enfrentados foi compatibilizar o conteúdo lecionado - tradicionalmente associado às práticas de ateliês, visitas in loco e orientações presenciais - às plataformas virtuais. Optou-se então por conduzir a disciplina por meio de encontros virtuais, utilizando-se como ferramentas a plataforma de reuniões online *Google Meet*, o *e-mail* institucional, além de mensageiros como o *WhatsApp (Meta)*. Assim, após a conclusão do semestre, verificou-se que a turma não apenas acolheu a proposta de adaptação realizada, mas também se engajou em debates e discussões online acerca das técnicas de desenho e representação em arquitetura e urbanismo. Os resultados se mostraram satisfatórios e a experiência poderá servir de apoio a novas incursões que requeiram a interface da prática do desenho entre telas.

Palavras-chave: Desenho de observação; COVID-19; práticas de ensino.

ABSTRACT

The work reports the experience in the teaching of design and representation in architecture and urbanism, from the discipline Perspectivas (cód. 1703.000.295-7), offered in the course of Architecture and Urbanism of the Federal University of Mato Grosso do Sul, campus of Naviraí (MS), during the period of isolation due to the pandemic of COVID-19. Its starting point was the record of urban space through observation. One of the challenges faced was to make the content taught - traditionally associated with workshop practices, on-site visits and face-to-face orientations - to virtual platforms. It was then decided to conduct the discipline through virtual meetings, using as tools the online meeting platform Google Meet, institutional email, as well as messengers such as WhatsApp (Meta). Thus, after the conclusion of the semester, it was found that the class not only welcomed the adaptation proposal, but also engaged in online debates and discussions about the techniques of design and representation

in architecture and urbanism. The results were satisfactory and the experience can support new incursions that require the interface of the practice of drawing between screens.

Keywords: *Observation drawing; COVID-19; teaching practices.*

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar a experiência e os desafios vividos por docentes do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul lotados no campus de Naviraí (MS), especificamente na disciplina de Perspectivas, ofertada em 2020 para uma turma do segundo semestre. Há tempos as universidades públicas do país lidam com desafios que extrapolam questões associadas à estrutura física das instituições, a exemplo de demandas por espaços apropriados de trabalho, recursos para pesquisa, falta de corpo docente e técnico, sobrecarga de trabalho entre outros, mas nunca tinham vivido a problemática do distanciamento social, causado pela pandemia da COVID-19, que desencadeou novas perspectivas e visões acerca do ensino.

Os sistemas educacionais em todo o mundo precisaram se adequar à nova realidade. Ao se depararem com os novos desafios, ficou evidente que os métodos de ensino caminhariam para uma versão remota de aprendizagem, muito ao estilo dos cursos de Ensino à Distância (EAD), já bastante difundidos no país. Na área de Arquitetura e Urbanismo não foi diferente. Embora a metodologia EAD não seja reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) como forma de graduação para arquitetos e urbanistas, o EAD mantém pouca aceitação entre docentes e discentes da área.

O distanciamento social, para aqueles que tiveram condições de cumpri-lo, condicionou as pessoas a novos hábitos e a um enfrentamento diário de atividades outrora consideradas simples, como o ato de sair pela cidade e conviver com pessoas próximas. O momento trouxe insegurança e impactos consideráveis à saúde pública, à política, à economia, ao modo de vida urbano e privado. Ao pesquisar o termo “estatística coronavírus” no motor de busca *Google*, observa-se nos dados gráficos que no início de agosto de 2020, momento em que era iniciada a disciplina de Perspectivas, o estado de Mato Grosso do Sul registrava 671 novos casos de infecção por coronavírus e 14 mortes em médias semanais.

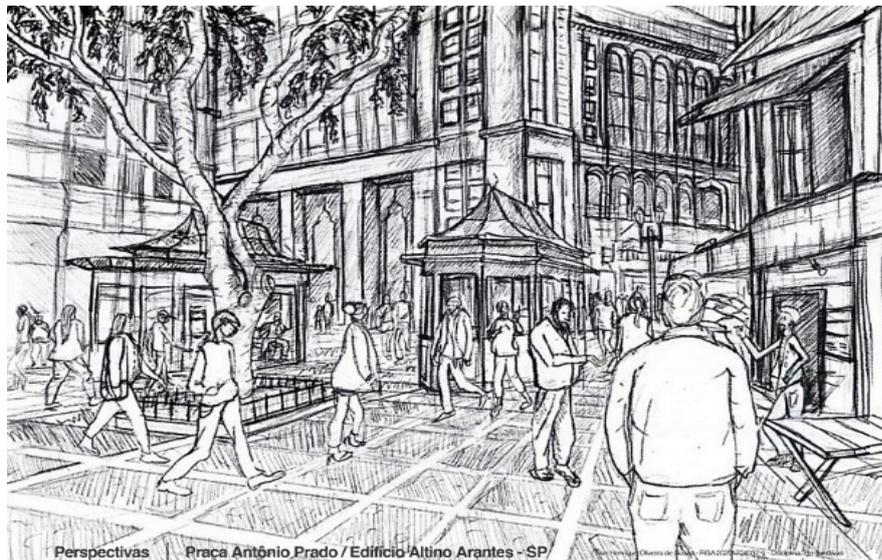
É neste contexto que se propôs uma adequação da disciplina para o formato *on-line*¹ oferecida a um grupo de estudantes do segundo período do curso de Arquitetura e Urbanismo.

¹ A disciplina eletiva “Perspectivas (cód. 1703.000.295-7)” foi conduzida pelos professores Ramon Fortunato Gomes, Marcelo Carlucci e Adalberto José Vilella Jr. com alunos do segundo semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo do campus de Naviraí (MS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) durante os meses de agosto a dezembro de 2020.

Originalmente, a ementa da disciplina previa em sua base metodológica o desenvolvimento de encontros ao ar livre (pelas ruas da cidade) e em ateliês de desenho (interno), ambos ambientes presenciais de contato e discussão. Este formato precisou ser adiado quando a pandemia foi oficialmente decretada em março de 2020, momento em que as autoridades sanitárias expuseram os riscos da doença à comunidade acadêmica, recomendando o afastamento social imediato.

Assim, foi proposto um novo formato para a disciplina, com efeitos práticos para o ensino das técnicas de perspectiva aos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMS em Naviraí. Pensava-se na utilização do *Google Street View* como ferramenta pedagógica de imersão urbana (Figura 1). Porém, o receio causado pela novidade do formato on-line proposto, contrapondo ao modelo tradicional de ensinar desenho e representações a partir das experiências urbanas e do contato com seu cotidiano, trouxeram algumas angústias e questões que ao longo do processo foram se dissipando. "Porém, em vista da realidade presente, acreditava-se que seria uma oportunidade para testarmos formas alternativas de interação com a cidade, a despeito das limitações impostas" (PEREIRA, 2021, p. 4).

Figura 1 – Registro do andar pelas ruas no *Google Street View*.



Fonte: Arquivos da disciplina Perspectivas. Autor: Ivan Henrique Oliveira de Souza (2020).

A presença física, algo inerente a essa experiência, era inviável no contexto de isolamento total ao qual estávamos submetidos naquele momento. Poderia a presença física no espaço urbano, com seus cheiros, sons, luzes e contatos, ser substituída pela intermediação de ferramentas digitais? Como seria empreender uma disciplina de cunho notadamente prático de forma remota? Estaria sendo ofertada uma disciplina EAD, contestando as exigências do MEC, do CAU e de nosso próprio corpo docente e discente? As

respostas a essas indagações permearam todo o desenvolvimento da disciplina ao longo do semestre.

Era necessário desenvolver novas habilidades tecnológicas e dominar ferramentas como o Google Classroom, Moodle, Google Meet, Zoom, Google Books, Scielo ou Google Scholar – pois, assim como as salas de aula, as bibliotecas também estavam fechadas. Também era preciso adaptar os métodos de ensino, sem contradizer o que era estabelecido e construir um novo modelo de trabalho, mediado com o que já se praticava. A opção a isso seria cair na armadilha de expor conteúdos para alunos com câmeras desligadas e aulas assíncronas sem nenhum tipo de controle do desenvolvimento pedagógico (BITENCOURT, 2022, p. 88).

Através das ferramentas digitais abriu-se a possibilidade de ampliar o olhar e a “presença” para lugares no mundo onde dificilmente os alunos teriam a possibilidade de estar ou ir (Figura 2), como por exemplo Roma, Paris, Bogotá, Nova Iorque ou Tóquio. Andar por suas ruas, vislumbrar suas paisagens, conhecer o cotidiano de moradores e suas diversidades que estavam ali, visíveis, presentes virtualmente e disponíveis na tela para os alunos, bastando exercitar a abstração e a sensibilidade para sentir o cotidiano local pesquisado e registrar a cena analisada em croquis, *sketches*.

Figura 2 – Mapa de localização esquemático (A), vista frontal (B) e perspectiva (C) do edifício Hirosaki Castle localizado no Japão.



Fonte: Arquivos da disciplina Perspectivas. Autora Fabielle Carvalho Alva (2020).

A atividade do registro urbano em seu cotidiano na forma de desenho livre tem sido mundialmente praticada por grupos de *Urban Sketch*² e tem se mostrado uma ferramenta importante para alunos de Arquitetura e Urbanismo na construção de um olhar mais preciso

² O grupo *Urban Sketch (USK)* foi criado em 2007 pelo ilustrador e jornalista espanhol Gabriel Campanario e atualmente é um grupo de dimensões internacionais. No Brasil o *USK* nasceu a partir da iniciativa do arquiteto Eduardo Bajzek e dos artistas plásticos João Pinheiro e Juliana Russo. Hoje o *USK* Brasil está distribuído em diferentes cidades e regiões brasileiras. Anualmente, promovem encontros regionais, nacionais e internacionais estimulando a prática, o encontro e compartilhando experiências urbanas, que podem ser consultados nas páginas de *Instagram.com* e *facebook.com* do grupo *USK*.

sobre a cidade, acentuando sentidos e estimulando uma forma de representar ideias em papel, por meio do traço e dos croquis (PERRONE, 2018). Assim, “(...) eles têm no desenho de locação a possibilidade de descobrir as cidades e o mundo onde vivem, trazendo à tona o que está imperceptível ou é corriqueiro” (VALGAS, 2016, p. 352). Para Silva (2019, p. 26): “o desenho revela o que já não está mais presente. Possibilita reconstruir a história do lugar para compreender o presente. Retoma momentos vividos por outros”.

2 OBJETIVOS

A proposta na disciplina de Perspectivas teve como objetivo principal promover a prática de desenho de observação e de criação, tendo o desenho livre como meio de registro. Além disso, desenvolver habilidades e percepções a respeito do espaço urbano e sua relação com a arquitetura e o urbanismo através do desenho de observação (*urban sketching*), proposições de mapas de localização e situação. Para Silva (2019), o desenho é um instrumento de síntese e através dele o autor expõe seu olhar, sendo este ato, o momento de racionalizar a parte e sugerir o todo enfatizando o que se quer mostrar, questionar e argumentar.

Outros objetivos específicos permearam as atividades propostas como: reconhecer e desenvolver técnicas e formas de representação através do desenho de observação; desenvolver habilidades de expressão plástica; desenvolver um olhar mais preciso e atento acerca do espaço urbano, suas complexidades, sutilezas e sua estrutura visual e espacial. Para além dos objetivos propostos, propunha-se o estudo dos meios de composição, escalas e o uso de materiais como meio de estimular a criatividade nas formas de representação em desenhos de observação.

3 METODOLOGIA APLICADA

A disciplina se desenvolveu a partir de trabalhos de desenho de observação de espaços urbanos, realizados à distância, através da plataforma *Google Street View*, recurso utilizado em função do distanciamento social estabelecido em decorrência da pandemia. Ao iniciar a disciplina, foi proposto que os acadêmicos realizassem uma “deriva virtual” no *Google Street View* em cidades do mundo, de escolha livre, a fim de descobrir novos lugares e construir uma visão de espaços urbanos para além da vivência cotidiana.

A “deriva” pelos caminhos do *Google Street View* propunha a identificação de locais estratégicos, onde o acadêmico possa virtualmente circular, observar e eleger o melhor ângulo de visão da paisagem urbana para seu registro de observação. Na paisagem urbana observa-se um conjunto de elementos que constituem a cidade, o lugar. O ato propicia uma análise

mais atenta dos traços predominantes da cena urbana através dos quais é possível alcançar a síntese da imagem, por meio de croquis, desprendida de pequenos detalhes. Assim, é possível, sobretudo, registrar memórias, momentos e lugares: “o desenho busca a síntese por meio do entendimento das partes” (SILVA, 2019, p. 28).

Figura 3 – Mapas esquemáticos de Praga Tcheca (A) e Praga, região central (B), Museu Nacional de Praga (C).



Fonte: Arquivos da disciplina Perspectivas. Autora: Kevelin Mayara Oliveira Silva (2020).

Para a realização dos desenhos, (Figura 3), os acadêmicos puderam escolher apenas uma das seguintes metrópoles propostas como exemplo: Paris (França), Praga (República Tcheca), Rio de Janeiro (Brasil), Buenos Aires (Argentina), Recife (Brasil), São Paulo (Brasil), Berlim (Alemanha), Roma (Itália), Medellín (Colômbia), Barcelona (Espanha) ou outra de sua afinidade. O critério da escolha das cidades deveria atender ao fenômeno metropolitano, cujas características são a complexidade urbana, a diversidade de paisagens e a amplitude de suas significações culturais.

Após a escolha da cidade metropolitana, os desenhos de observação foram conduzidos e orientados pelos professores em quatro grupos temáticos, que balizaram as entregas e as discussões nos encontros feitos através do *Google Meet*. Foi sugerido que a representação dos desenhos de observação fosse mostrada em mapas de localização e de situação para o melhor entendimento do contexto urbano em que estavam inseridos. Todos os mapas deveriam ser feitos a mão livre com escala gráfica a partir das informações fornecidas pelo *Google Street View*, conforme apresentado na Figura 3. Em relação aos edifícios de uso institucional, foi sugerido a inclusão de croquis sobre os desenhos técnicos relativos ao edifício.

Os grupos temáticos foram divididos em: i) edifícios de uso institucional (templos, escolas, edifícios da administração pública ou centros administrativos, mercados públicos, teatros ou casas de espetáculo, museus); ii) praças, parques urbanos e mobiliário urbano; iii) monumentos (marcos referenciais da paisagem urbana, não necessariamente históricos ou comemorativos); iv) cenas urbanas (paisagens que retratam as especificidades do cotidiano da cidade e de seus usuários, tais como feiras, áreas residenciais e sua relação com a rua, áreas de lazer espontâneo, apropriações específicas do espaço urbano pelos usuários, mobiliário urbano, etc.).

Cada grupo temático resultou em uma entrega avaliativa conforme o cronograma de aulas. As entregas eram feitas por postagem de um portfólio chamado de *sketch book digital*, elaborado pelo acadêmico em um único arquivo formato portátil de documento (PDF) no ambiente virtual (*Moodle*). O *sketch book digital* era composto pelos desenhos de observação e junto aos desenhos, os alunos deveriam realizar breves pesquisas sobre o local representado. Pesquisas que se referem à história, à relevância cultural, social ou econômica, às peculiaridades sobre hábitos e costumes relacionados ao local ou quaisquer outros dados que possibilitassem um conhecimento mais efetivo da cena retratada. Cada desenho deveria ser acompanhado de croquis do mapa de localização (escala urbana) do mapa de situação (escala de quadra) a respeito do local retratado, ambos feitos a mão.

Foram realizados sete encontros remotos (*lives*) através da plataforma *Google Meet*, onde foi apresentada a disciplina, realizadas aulas sobre técnicas de desenho de observação (DOYLE, 2018), disponibilização de chats síncronos para dirimir dúvidas e alimentar debates e reflexões. Talvez uma das ações mais significativas de todo o trabalho foi a proposição de momentos de análise coletiva dos produtos entregues pelos alunos (*sketch book digital*) e do processo de elaboração dos desenhos de observação. Com relação aos resultados obtidos, a participação dos alunos na discussão e o engajamento da turma nos debates foram bastante satisfatórios.

4 RESULTADOS

Mediante visitas virtuais em primeiro plano e ao nível do observador – garantida pela ferramenta *Google Street View* – abria-se uma nova possibilidade de ir às ruas, observar a paisagem urbana, sem, de fato, sair de casa. Por meio da observação, constituíram resultados que foram as bases da discussão, da exposição e do aprendizado coletivo. Como nos ateliês dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, onde é recorrente a montagem de exposições com os trabalhos dos alunos ao término de cada semestre letivo, com o objetivo de ampliar o

debate a respeito dos resultados alcançados, identificando avanços, derivações, limites e expansões em relação às atividades propostas.

A exposição em si se torna irrelevante sem este importante momento de reflexão coletiva. Ela serve tanto para o aluno contextualizar sua produção pessoal diante do grupo (e com isso minimizar a inibição de se expressar diante do outro) quanto para refletir sobre as possibilidades infinitas de pensar soluções para uma ação proposta. Olhar o trabalho do outro é, sobretudo, incorporar conhecimentos e universos para além da própria individualidade, reconhecer a importância do trabalho colaborativo e entender que o mito do “artista isolado na torre de cristal” está distante do que se espera dos arquitetos na contemporaneidade.

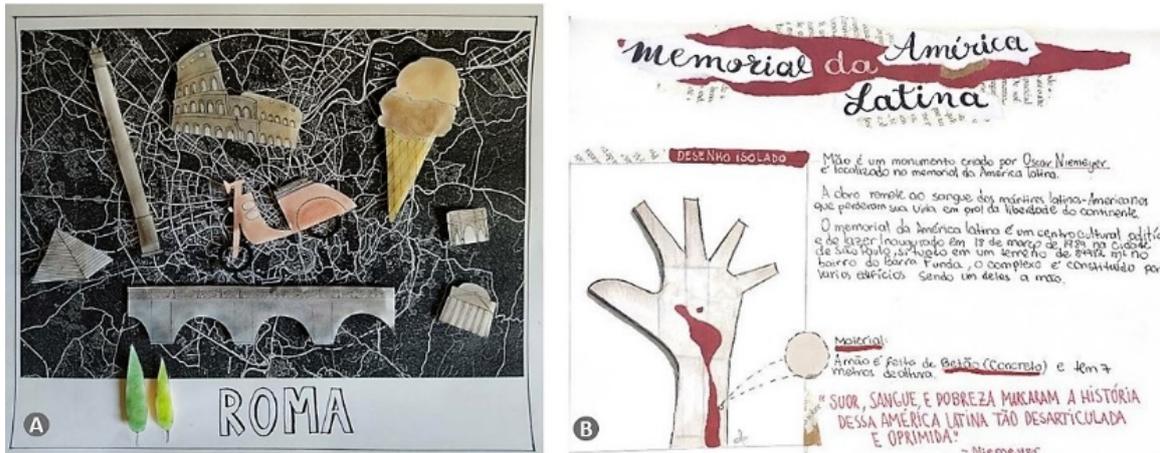
Nas circunstâncias de isolamento encontrada, a exposição se mostrou inviável, nascendo daí a ideia do compartilhamento dos trabalhos entregues remotamente pelos alunos em reunião digital. Os professores selecionavam alguns trabalhos, apresentavam diante de todos e pediam ao autor que comentasse sobre o processo de elaboração encontrado, com as dificuldades e as descobertas empreendidas, tecendo algumas considerações a respeito do produto. Em seguida, abriam-se debates para que os alunos pudessem manifestar suas impressões sobre o trabalho posto para análise, tal como uma abertura de exposição presencial, quando há sessões de debates.

Sobre o conjunto de desenhos elaborados pelos alunos da disciplina, alguns resultados se destacaram. Para além da representação pura das paisagens recolhidas no Street View, a pesquisa livre em outras bases digitais sobre os lugares retratados permitiu aos alunos uma verdadeira imersão em outras dimensões do espaço urbano: os costumes, as tradições, os símbolos e os ícones que marcam as cidades em todo o mundo. O que representa Roma, além das imagens de rua? Na Figura 4 (A), a aluna busca identificar e representar essa dimensão simbólica da cidade. Imaginar. Para Ching (2012), a mente cria imagens que tentamos desenhar, porém a representação vai além da habilidade manual e passa pela construção de imagens visuais que estimulam a imaginação e alimentam nosso desejo de desenhar.

Sabíamos que em casos como esse corre-se o risco de abordar a cidade a partir de estereótipos cunhados pelo turismo e sua lógica mercantilista (a cidade que se vende como produto). Essa foi uma das discussões abertas durante os debates. Mas uma outra Roma, encoberta sob a superfície dos seus símbolos imediatos, só poderia ser identificada numa abordagem mais específica e demorada, saindo dos objetivos da disciplina e adentrando em área dos fenômenos urbanos (Figura 4). A ideia da imagem da cidade como um constructo cultural e ideológico intermediados pela lógica do capital talvez fosse um debate ainda muito

complexo para alunos de primeiro ano de um curso de graduação, sobretudo em momentos críticos de isolamento, incertezas e medos em que estávamos imersos.

Figura 4 – Montagem a partir dos símbolos da cidade de Roma (A), Registros do Memorial da América Latina (B) São Paulo (SP).



Fonte: Arquivos da disciplina Perspectivas. Autoras: Daniela Thiesen Pientka (A) e Mariane Gino Pereira (B) (2020).

Outro resultado que potencialmente foi alcançado é o desenvolvimento da percepção por parte dos alunos sobre aspectos históricos e políticos da cidade, no sentido de expurgar a ideia de que o desenho é ideologicamente neutro.

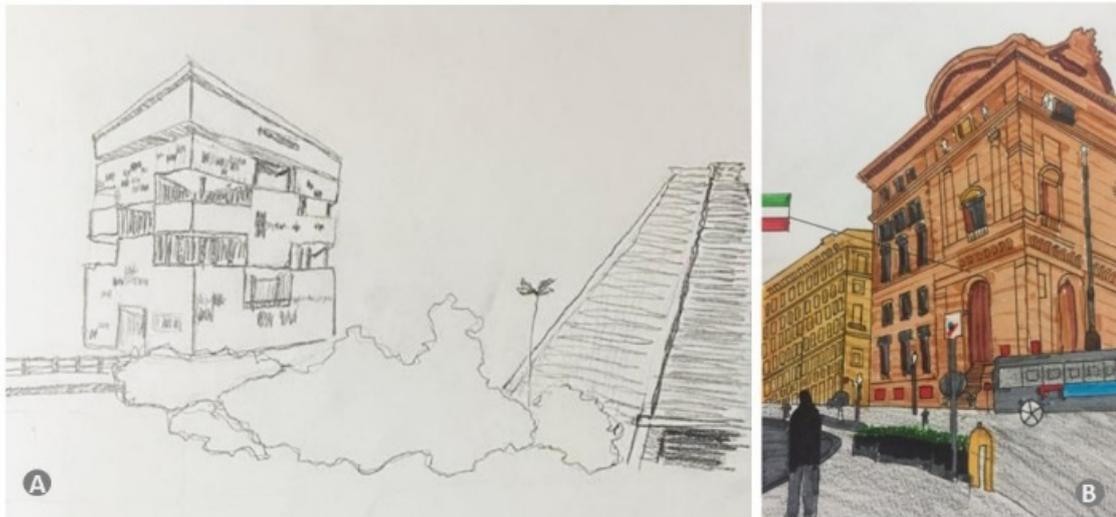
Além de aperfeiçoar as técnicas de desenho livre, [as práticas de urban sketch] ressaltam o olhar crítico, atento à paisagem urbana. Reforça a prática da observação nos movimentos, nas dinâmicas sociais, nos contrastes que a cidade escancara, nas desigualdades, na segmentação urbana e na paisagem que se mostra estática quando se tem um olhar distraído (CÓZARO, 2022, p. 5).

A imagem como manifesto faz parte da própria forma urbana: a forma se estabelece como linguagem dos moradores comunicando seus valores e anseios, traduzindo suas vivências e trazendo à tona angústias e dubiedades. A utilização de texto e esquemas infográficos pelos alunos em seus trabalhos, foi estimulada ao longo da disciplina no sentido de contextualizar a forma representada frente à dimensão política aqui tratada (Figura 4). A paisagem estática e inerte adquire vida e sentido a partir do esforço de entendimento e de estruturação de um olhar investigativo e curioso: por que essa forma e não outra? Por que neste lugar e não em outro?

Dentro dos limites impostos pelos objetivos da disciplina, o foco do trabalho deveria ser o desenvolvimento da expressão plástica pelos alunos, sobretudo o desenho livre. Subsidiariamente, o interesse pela paisagem urbana aparece como um corolário dessa prática: “Há o desenvolvimento da técnica do desenho livre, da experiência urbana, da afinidade pela cidade [...]” (CÓZARO, 2022, p. 3). O registro do detalhe (Figura 5) importa mais como ferramenta de conhecimento e lapidação do olhar do que como técnica, ou virtuosismo

artístico do autor. O desenho, o debruçar-se sobre a forma, permite estabelecer a relação profunda entre o objeto arquitetônico e sua participação na definição da paisagem urbana. Desenhar a cidade é desenhar o edifício.

Figura 5 – Desenho de observação sobre a cidade do Rio de Janeiro (A) e Buenos Aires (B).



Fonte: Arquivos da disciplina Perspectivas. Autores: (A) Gabriel Silva de Azevedo e (B) Edilaine do Santos de Souza (2020).

Outro resultado importante foi a pesquisa empreendida por alguns alunos a respeito das possibilidades do uso de diferentes linguagens gráficas e técnicas de desenho de representação. Durante as reuniões de debate sobre os trabalhos, foi proposto aos alunos que experimentassem formas de expressão além do modo realista, se assim é possível dizer.

Foi sugerido uma forma de olhar o espaço urbano também através de cenas urbanas, modos de vida, atividades e ações emblemáticas que as imagens do *Street View* pudessem mostrar (Figura 6). Instantâneos, ricos e visualmente potentes sobre a cidade estavam presentes na ferramenta digital: essa foi uma descoberta importante feita pelos alunos.

Figura 6 – Leitura sobre a cidade de São Paulo.



Fonte: Arquivos da disciplina Perspectivas. Autor Ivan Henrique Oliveira de Souza (2020).

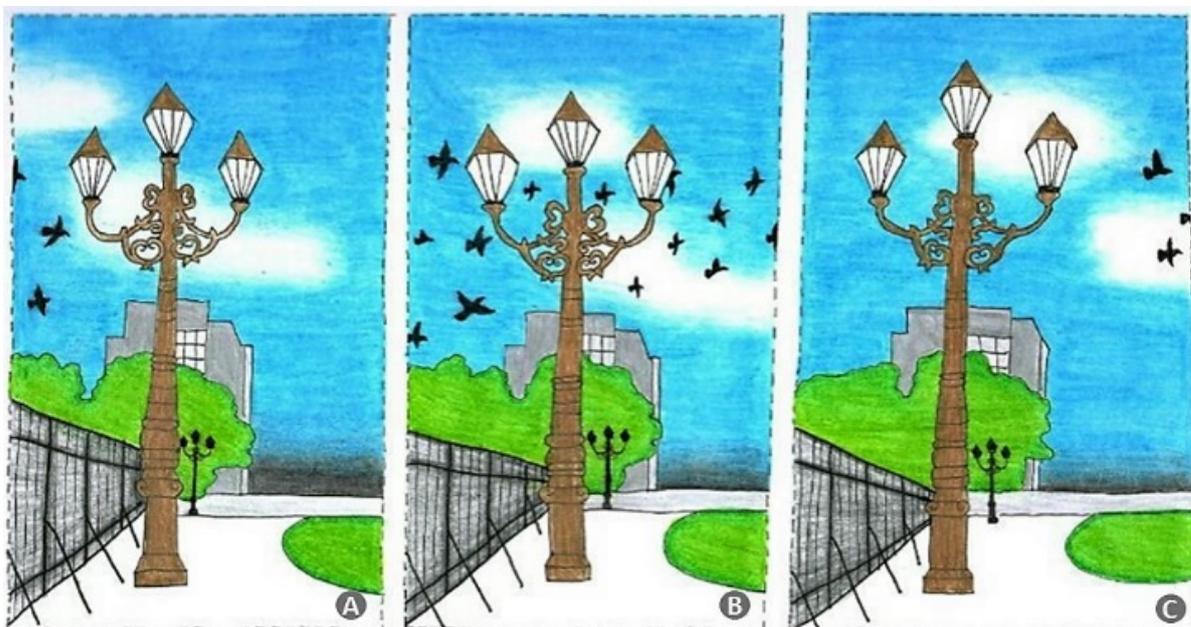
Assim, acredita-se que a experiência trouxe aos alunos a possibilidade, ainda que tímida pois mediada pelo digital remoto, de entender o espaço como algo dinâmico e intimamente ligado ao movimento, ao “mover-se por entre”, ao “passar por”, reforçando conceitos ligados à escala relativa do corpo em relação à cidade, como defende Bruno Zevi (1992):

Todos aqueles que, ainda que fugazmente, refletiram sobre este tema, sabem que o caráter essencial da arquitetura – o que a distingue das outras atividades artísticas – está no fato de agir com um vocabulário tridimensional que inclui o homem. A pintura atua sobre duas dimensões, a despeito de poder sugerir três ou quatro delas. A escultura atua sobre três dimensões, mas o homem fica de fora, desligado, olhando do exterior as três dimensões. Por sua vez, a arquitetura é como uma grande escultura escavada, em cujo interior o homem penetra e caminha (ZEVI, 1992, p. 34).

O desenho de observação se mostrou como uma ferramenta poderosa no desenvolvimento dessa percepção e do entendimento da escala da paisagem urbana. Para tanto foi apresentada aos alunos a possibilidade de representar desenhos que indicassem uma visão seriada da paisagem, exatamente no intuito de provocar essa noção do movimento como algo inerente ao espaço urbano, também um desafio importante em se tratando de um trabalho com a utilização de recursos digitais remotos nas circunstâncias descritas.

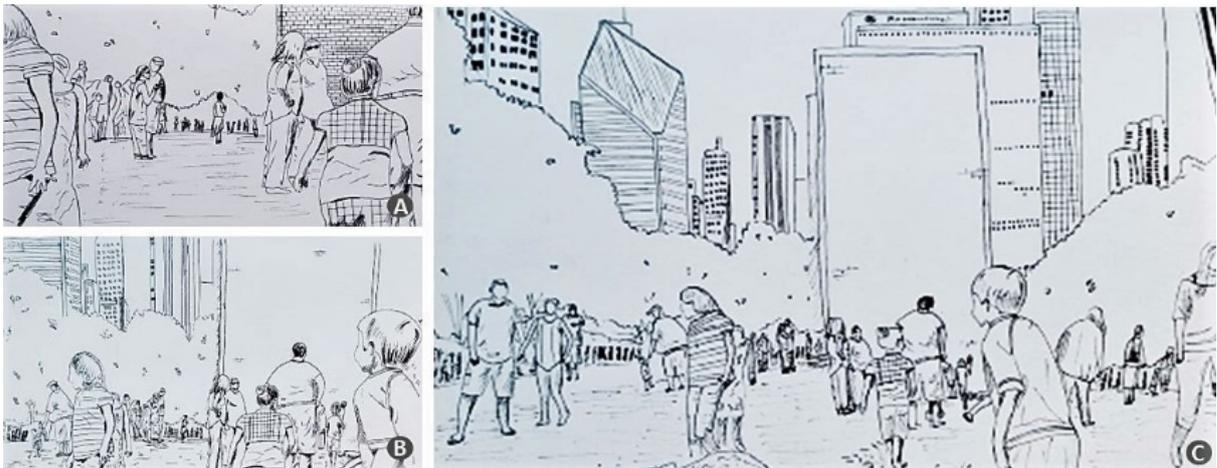
Para Ching (2017) a visão seriada pode ser usada não somente para transmitir a experiência de estar em um lugar, mas também para demonstrar a experiência do movimento, a representação do lugar em uma sequência de espaços. Porém, os resultados trouxeram surpresas no sentido de extrapolar as representações de visão seriada convencionais dando lugar também ao poético e subjetivo (Figuras 7 e 8).

Figura 7 – Desenho sequencial da paisagem (A, B, C).



Fonte: Arquivos da disciplina Perspectivas. Autora Tayla Caroline Rodrigues Pinto (2020).

Figura 8 – Desenho sequencial da paisagem (A, B, C).



Fonte: Arquivos da disciplina Perspectivas. Autora Bruna Laís Cózaro (2020).

Por fim, o novo formato resultou em novas possibilidades de olhar as paisagens urbanas e vislumbrar alternativas de viver, conhecer e registrar a cidade. Alternativas expressas em resultados que dialogam com o que Bajzek (2019) revela sobre o ato de desenhar a cidade. Para Bajzek (2019) desenhar a cidade vai além do registro de uma cena. Desenhar a cidade é tornar-se parte dela, é envolver-se com suas dimensões materiais e imateriais, é reconhecer suas realidades e dialogar, é despertar para o seu cotidiano, é se permitir parar no tempo, descobrir memórias, detalhes do cotidiano urbano, e abrir os olhos para a totalidade urbana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos produtos apresentados no *sketch book digital* entregue pelos alunos foi possível balizar a absorção do conhecimento e do conteúdo proposto. Apesar da questão posta, de uma possível adaptação na maneira de conduzir uma disciplina de cunho notadamente prático de forma remota, nota-se que a troca de conhecimento, as discussões e os debates foram possíveis virtualmente. Porém, observou-se que o modelo de ensino virtual trazia um certo desconforto aos alunos, e que com o tempo se tornava cansativo ou angustiante aos acadêmicos. Tornava-se aborrecedor estar do outro lado, na janela do computador ou do celular, dentro de casa, adentrando o espaço íntimo. Um sentimento recíproco entre docentes e discentes misturados à incerteza que aquela circunstância carregava. Apesar das limitações e das inseguranças atribuídas ao momento foi possível compreender que os obstáculos foram superados e os objetivos alcançados.

Cabe destacar que os registros visuais se tornam mais íntegros enquanto processo quando é proposto ao acadêmico abdicar de cenas e paisagens engessadas e enquadradas de forma clássica e convencional, como as cenas de “cartão-postal”. Ao se lançarem na busca de enquadramentos mais intimistas, pessoais, circunstanciais, o inesperado e o inusitado permitiram a captura do momento, da cena fugaz em desenho. Resultado da desconstrução do olhar viciado e pré-concebido em relação à paisagem e uma nova construção em direção a um olhar interpretativo e peculiar, onde cabem o “kitsch”, o vulgar, o detalhe menor e “sem importância”, os desvios e as rupturas.

Foi possível colocar em debate o ensino e a metodologia mediada por plataformas digitais. Também compreender que a importância da presença física no espaço urbano, permitindo contatos físicos e sensações provocadas por cheiros, sons, a intensidade de luzes não será suprida pela intermediação dos instrumentos digitais. Eles sim poderão suprir demandas emergentes ou serem ferramentas complementares ao ensino e a metodologias propostas.

Por fim, foi possível compreender que a disciplina proposta nunca teve o intuito de se configurar como um curso ofertado na modalidade do ensino à distância, apesar dos métodos empregados aparentemente terem convergido para tal. Estava naquele momento sendo construída uma metodologia colaborativa e coletiva, para que fosse possível atender às circunstâncias da pandemia e do isolamento social, sem renunciar à criatividade e ao exercício de um novo olhar sobre a cidade, mesmo entre telas.

REFERÊNCIAS

BAJZEK, Eduardo. **Técnicas de ilustração à mão livre: do ambiente construído a paisagem urbana**. 1. ed. São Paulo: Olhares Editora, 2019. 167 p.

BITENCOURT, Batista R. Desafiados pelo vírus: o ensino remoto de urbanismo. **SCIAS - Educação, Comunicação e Tecnologia, [S. l.]**, 2022. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasedcomtec/article/view/6191>. Acesso em: 7 mar. 2023.

CHING, Francis D. K. **Desenho para arquitetos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012. 414 p.

CHING, Francis D. K. **Representação gráfica em arquitetura**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2017. 264 p.

CÓZARO, B. L.; PEREIRA, M. G.; DOURADO, A. P.; GOMES, R. F.; FLAIN, E. P.; CARLUCCI, M.; AZEVEDO, M. M. M.; ALVES, A. Registros urbanos: análise da paisagem urbana. *In*: VI Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação. **Anais [...]**, Naviraí: UFMS/CPNV, 2022, p. 1-5. Tema: Desenvolvimento Local e Regional, Território e Urbanização.

DOYLE, Michael E. **Color Drawing**: a marker/colored-pencil approach for architects, landscape architects, interior and graphic designers, and artists. Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold Company, 1993. 360 p.

PEREIRA, M. G.; BOEIRA, G. B.; GOMES, R. F.; FLAIN, E. P.; CARLUCCI, M. Registros urbanos por meio do desenho de observação. *In*: V Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação. **Anais [...]**, Naviraí: UFMS/CPNV, 2022, p. 1-5. Tema: Desenvolvimento Local e Regional, Território e Urbanização.

PERRONE, Rafael Antônio Cunha. **Os croquis e os processos de projeto de arquitetura**. 1. ed. São Paulo: Altamira Editorial, 2018. 159 p.

SILVA, J. M. P. da. **Desenho como questionamento**: distintas dimensões em planos e projetos urbanos. 1. ed. São Paulo: PUC Campinas, Rio de Janeiro: FAUFRJ: Rio Books, 2019. 272 p.

VALGAS, Paulo H. Tôrres. Urban sketchers e a “des-coberta” da cidade. **Arquitetura e Urbanismo [S.]**, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/9477/6542>. Acesso em: 08 mar. 2023.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 240 p.